

AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM INTERFACE COM A ESCOLA

TEENAGE SELF-MUTILATION IN INTERFACE WITH SCHOOL

¹BARTH, G.; ²PEREIRA, B. C. E.; ³RODRIGUES, I. A.; ⁴OLIVEIRA, F. S.

^{1 2 3} e ⁴ Departamento de Psicologia - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos

RESUMO

A adolescência é um período marcado por diversas mudanças, sejam elas físicas, emocionais ou psicológicas. É também um período de desconstruções intensas e formação de novos olhares e construção de visão de mundo, as cobranças nessa fase geram intensos e diversos sentimentos, além de sofrimento psíquico, o que pode direcionar para a necessidade de expressá-los. Uma dessas formas de expressão é a automutilação. A fim de compreender esse quadro crescente na vida dos adolescentes e os aspectos psicológicos do mesmo, foi realizada uma revisão bibliográfica através de artigos científicos encontrados no Google Acadêmico e Scielo para maior entendimento do tema.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescentes; Psicologia.

ABSTRACT

Adolescence is a period marked by several changes, whether physical, emotional or psychological. It is also a period of intense deconstruction and formation of new looks and construction of worldview, the demands in this phase generate intense and diverse feelings, as well as psychic suffering, which may direct the need to express them. One such expression is self-mutilation. In order to understand this growing picture in the life of adolescents and the psychological aspects of it, a literature review was conducted through scientific articles found in Google Scholar and Scielo for greater understanding of the subject.

Keywords: Self-mutilation; Teens; Psychology.

INTRODUÇÃO

Ao pensar nas automutilações, deve-se observar que isso é multideterminado, ou seja, não existe apenas uma única circunstância que gera o sofrimento e que leva os adolescentes a machucarem o próprio corpo, mas um conjunto de fatores que levam a tal prática, que por fim, tem o intuito de redução da angústia ou punição. A confusão mental se torna tão grande, que o único modo encontrado para evasão do sofrimento psíquico, é sentir a dor física, da pele sendo cortada e do sangue escorrendo, em uma tentativa de estabilizar a angústia (DUNKER, 2017).

Sendo a adolescência definida como uma fase de transformações biológicas e comportamentais, onde o corpo já não é o mesmo e a identificação com o novo ainda não ocorreu, é que muitas angústias tem origem e uma delas é a vergonha. Quanto à vergonha, Zimmerman e Osório (1997) vão dizer sobre a vergonha do corpo em fase de puberdade, a descoberta dos impulsos sexuais, a mudança de voz e movimentos desajeitados. Por conta desse constrangimento que tais mudanças provocam, é normal o adolescente se fechar e sentir dificuldades para comunicar-se e assim, passa a utilizar os cortes como método de expressão de suas angústias.

Sendo então, a escola o espaço que muitos jovens acabam passando um maior período de tempo, lugar onde o contato com o outro é direto e assim a tendência de contágio ser maior, qual a possibilidade de atuação da psicologia?

A adolescência, a automutilação e a escola

Refletir sobre adolescência remete a uma fase de transição, carregada de paradigmas. Cada fase do desenvolvimento humano permite ao sujeito passar por situações específicas e assim, construir uma nova forma de olhar o mundo. Dessa forma, a adolescência irá proporcionar novas situações e circunstâncias, fazendo com que o adolescente lide com novas sensações, sentimentos, desejos e limitações. A autora Eisenstein (2005) explica que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define os limites cronológicos da adolescência entre 10 e 19 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos, além disso, o principal uso desses critérios tem fim estatístico ou político.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera a idade cronológica da infância até os doze anos de idade, sendo assim, define adolescência dos doze aos dezoito anos de idade (1990). A adolescência não é um termo psicanalítico, contudo, assim como as outras fases do desenvolvimento, é abordada pela teoria e pode ser encontrada também pelo termo puberdade. Entende-se a fase adolescente como uma fase de rompimentos, momento em que o sujeito deixa para trás toda idealização sobre suas figuras parentais e familiares, além das transformações corporais e psíquicas, dessa forma, dá-se um período intensificado pelo sofrimento.

Suportar novas dores e precisar de uma nova forma de curar as feridas pode não conduzir a escolhas consideradas saudáveis, física ou psicologicamente. Oliveira (2016) argumenta que alguns adolescentes encontram na automutilação a saída para a angústia intensa, a dor física enquanto uma maneira de remediar aquilo que está gerando inquietação, ainda que apenas por um curto período. Além disso, Jatobá (2010) aponta que a escarificação é um tema que atualmente demanda pesquisa e reflexão, isso porque o número de adolescentes que cortam o próprio corpo como via de alívio psicológico tem sido crescente.

Essa não é uma prática que emergiu na contemporaneidade, indo de encontro, a realização de marcas no corpo pode ser encontrada em diversas culturas desde a antiguidade. Segundo Oliveira (2016) esse ato está relacionado

com a representação social que essa marca possui em cada contexto, na contemporaneidade, por exemplo, as marcas se dão por diversos e distintos significados, entre elas estão os piercings, tatuagens, automutilações e também as cirurgias plásticas.

A autoria citada acima, ainda coloca que automutilação enquanto forma de marcar o corpo é explicada como a execução de machucar a si mesmo, o que pode acontecer através do corte, queimadura e até mesmo o ato de bater várias vezes no mesmo local, ocasionando nas feridas. É importante citar que além do termo automutilação, é possível encontrar os termos *cutting* e escarificação, que “envolve um ato intencional de um indivíduo que objetiva modificar ou destruir uma parte do tecido do corpo, sem ter a intenção de cometer o suicídio” (JATOBÁ, 2010).

Dessa forma, é possível compreender que para o sujeito que pratica automutilação, o momento da dor é a forma que foi encontrada para que a angústia seja diminuída, Oliveira (2016) discorre sobre a palavra “cutter” em inglês, que traduzida para o português significa ‘pessoa que se corta’ ou ‘cortador’, “por uma análise da palavra tenta corta-a-dor” (OLIVEIRA, 2016) – ou seja, aquele que tenta tirar a dor fora, o que ganha forma através do corte, do sangue e da própria cicatriz.

Geralmente, acontecimentos dolorosos e possivelmente traumáticos dão início aos cortes, pois a dor psíquica é tão insuportável que o jovem encontra um pouco de alívio ao se mutilar. Muitas vezes surge o sentimento de estar sozinho, de não ter alguém que seja capaz de compartilhar sua dor e angústia, assim, o corte aparece como um sentimento de alívio mesmo que por um curto período de tempo, dessa maneira, a dor psíquica acaba sendo substituída pela dor física causada pelos cortes (FORTES; KOTHER MACEDO, 2017).

É comum encontrar leituras bibliográficas que façam da automutilação uma patologia, entretanto, Almeida (et al., 2018) enfatizam sobre esse fenômeno ter se caracterizado como questão de saúde pública, não obstante, o papel da psicologia escolar em todo esse contexto, afinal, a escola é o ambiente mais frequentado pelos sujeitos dentro dessa faixa etária.

A despatologização da automutilação acontece por meio da desconstrução da visão de que ela se constitui como doença, “apresentando-a como um fenômeno psicossocial e produto de uma sociedade ‘doente’ que produz doenças” (ALMEIDA, et al. 2018). Diante disso, considera-se as contribuições que a psicologia escolar/educacional pode proporcionar diante dessa realidade emergente.

Ao abordar o contexto escolar, Rosa (2011) afirma que quando citado, o assunto automutilação costuma estender-se no período de aula e também durante o intervalo, compreende-se então que esse é um tema que prende atenção dos adolescentes, seus pensamentos e conversas, que ocorrem usualmente em grupos fechados.

A automutilação cada vez mais tem gerado preocupação no âmbito escolar que além da transmissão de conhecimentos e saberes, participa integralmente na produção da subjetividade de seus alunos. Devido ao impacto que causa tanto na vida dos adolescentes quanto das pessoas a seu redor. Este ato tem se tornando um índice crescente dentro de escolas.

O trabalho do psicólogo nesta perspectiva é fundamental tanto dentro do contexto escolar ou onde está inserido, atuando de forma preventiva, tendo como finalidade intervir na redução dos casos, e também como apoio aos adolescentes que se encontram em crises.

Retratamos algumas das opções mais utilizadas de intervenção dentro do âmbito escolar, onde se propõe trabalhar com os alunos de maneira suave e flexível assim como Silva e Santos (2016, p. 10) supõe em seu trabalho “pensar na automutilação de um modo diferente, e não de maneira dura e inflexível como tem sido historicamente tratada”. Como prevenção, o psicólogo tem o objetivo de realizar grupos explicativos dentro do contexto escolar, voltados para aqueles que ainda não causam automutilações como forma de conscientização da gravidade.

Em um segundo momento faz-se necessário outro grupo de oficinas com aqueles adolescentes que já praticam o ato de se automutilar com atenção maior, voltada para a individualidade e singularidade de cada sujeito, dando espaço de fala para ser ouvido sem ser julgado. Se não houver fala, podem ser expressos seus sentimentos através de desenhos. Porém com cautela, pois há adolescentes que se sentem envergonhados de estar passando por este momento. De acordo com Freitas e Souza (2017, p. 166) “há importância de observar indícios de automutilação em adolescentes, pois ao se automutilar sentem vergonha e medo de revelar este comportamento, isso faz com que eles tentem esconder, e procuram ferir-se solitariamente”. Como também há alguns que deixam mostrar alguns sinais, justamente para apresentar que precisam de ajuda. Neste sentido de ação do psicólogo, retomamos a atenção para definição de Freitas e Souza:

Partindo deste ponto de vista, a inserção da Psicologia nas escolas foi marcada por um cenário de objetivos fortemente adaptados, nos quais prevalecia a necessidade de corrigir e adaptar, e com o passar dos anos foi envolvida em ação preventiva quanto às ações de intervenção (FREITAS; SOUZA, 2017 apud CORREIA et al. 2004),

Ao tratar-se de prevenção considera-se todo o contexto em que o adolescente está inserido, como a escola em questão. A partir das circunstâncias, faz-se necessário uma intervenção pontual em grupos, como supracitadas, articulando a partir do que for apresentado pelos adolescentes no momento.

O profissional atuante na psicologia escolar também tem como estratégia de atendimento com adolescente, a escuta clínica, onde é necessário ouvir suas perturbações psíquicas desencadeadas através do ato de automutilação. “O psicólogo escolar/educacional também irá procurar sensibilizá-los sobre as repercussões que a Automutilação acarreta a médio e longo prazo, estimulando-os a procurar expressar de uma forma mais assertiva os seus afetos” (ALMEIDA, et al. p. 155, 2018). O psicólogo pode indicar como alternativas o início do processo de psicoterapia para que possa saber lidar com seus sentimento e emoções e assim, não ser necessário se automutilar para expressá-las.

METODOLOGIA

O método utilizado para a presente pesquisa foi através de um levantamento bibliográfico, utilizando livros e artigos científicos de autores que tratem sobre a automutilação, adolescência, âmbito escolar e a atuação da psicologia no que concerne o ato de machucar-se. Foram utilizadas as bases de dados Scientific Eletronic Libray Online (ScieElo) e Google Acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automutilação tornou-se uma questão de saúde pública, mas que se estende aos espaços escolares, onde crianças e adolescentes passam a maior parte de seu tempo. Desta maneira, é necessário estar atento aos jovens a aquilo que dizem, mas também a aquilo que deixam de dizer e passam a expressar seus sentimentos através das mutilações.

Levando-se em consideração esses aspectos, é essencial que as escolas tenham profissionais da psicologia, que poderão dar suporte no que concerne à automutilação. Seu trabalho é acolher as crianças e adolescentes, compreender suas angústias e pensar em intervenções que possam fortalecê-los, para que compreendam que a automutilação não é a única opção para a vazão de seu sofrimento.

Fazer grupos é uma opção para os adolescentes, já que podem encontrar nos outros colegas histórias parecidas com a sua e isso pode ser um facilitador para que o jovem consiga compartilhar suas angústias. Assim como, trabalhar com a prevenção, conversar com aqueles que não auto se mutilam também é importante, uma vez que apenas fingir que não acontece não é o melhor caminho. Além das propostas por parte do psicólogo deve haver uma responsabilização da escola sobre a automutilação, tendo projetos que ampliem o conhecimento sobre o assunto. Abrangendo o contexto familiar com intuito de informar sobre a automutilação, que podem ocorrer de diversas maneiras e lugares do corpo, portanto se faz necessário compreender este tema que tem se tornado presente na adolescência nos dias de hoje, assim como conhecer seus filhos.

O psicólogo precisa estar atento para perceber se o grupo está sendo benéfico para os adolescentes, visto que alguns jovens sentem dificuldades em compartilhar suas angustias com outros participantes. Sendo assim, outra opção seria o encaminhamento para psicoterapia individual, onde o adolescente dispõe de um espaço que é somente seu.

Dada à importância do assunto, é necessário que haja sempre discussões acerca da automutilação, pois ela está presente no cotidiano das crianças e adolescentes, que ainda estão se descobrindo, assim como o lugar que pertencem, então a curiosidade sobre os mais diversos temas é ampliada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. et al. **A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional**. Ciências Humanas e Sociais. Alagoas, v. 4, n. 3 p. 147-160. Maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5322/2803>. Acesso em 04 set. 2019.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, Art.2, p. 9., 1990.

DUNKER, C. Automutilação, adolescentes e psicanálise. 2017. (6m44s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ngi_oZVXBWo. Acesso em: 05 set. 2109.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios.**

Adolescência e Saúde 2.2 (2005): 6-7. Disponível em:

http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167.

Acesso em 27 ago. 2019.

FORTES, Isabel; KOTHER MACEDO, Mônica Medeiros. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de

alteridade*. Psicogente, Barranquilla, v. 20, n. 38, p. 353-367, Dec. 2017

. Disponível em:

[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lng=en&nrm=iso)

[01372017000200353&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lng=en&nrm=iso). Acesso em 04 set. 2019.

FREITAS, E. Q. M.; SOUZA, R. Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar. **Ciência (In) Cena**. Salvador, v. 1, n. 5, p. 158-174. 2017. Disponível em:

<<http://revistapuca.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/viewFile/4356/pdf4356>>. Acesso em: 05 set. 2019.

JATOBA, M. M. V. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica.** 2010. Disponível em:

https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/maria_manoella_jatoba.pdf

Acesso em 02 set. 2019.

OLIVEIRA, T. A. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?** 2016.

Disponível em: <http://www7.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/326>

Acesso em 27 ago. 2019.

ROSA, N.B K. **O Uso da internet como espaço terapêutico.** Cadernos de Aplicação, Porto Alegre-RS, v.24, n.2, p.131-143, dez. 2011. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/34795/23005>

Acesso em: 04 set. 2019.

SILVA, E. P. Q.; SANTOS, S. P. **Práticas de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do GPECS: problematizando corpos, gêneros, sexualidade e educação escolar.** Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v.4, n.2, p.1-16, 2016. Disponível em:

[http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34555/1831](http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34555/18311)

1. Acesso em: 04 set. 2019

ZIMERMAN. D. E.; OSÓRIO, L. C. Como trabalhamos com grupos, Porto Alegre: Artmed, 1997.